

EDITORIAL: A MULTIPOLARIDADE INSTÁVEL

O sistema mundial já ingressou na fase da *Multipolaridade*, algo tido como certo pela maioria dos analistas e estadistas. Todavia, contrariando o que muitos consideravam como uma panaceia universal (com o PIB PPP do BRICS superando do G7), ela se configura como uma *Multipolaridade Instável*. As ações americanas, com o retorno do Republicano Donald Trump à Casa Branca, parecem reforçar o caráter reativo dos EUA contra tal tendência, admitida explicitamente por Washington. O conceito de *Multipolaridade Instável* foi forjado no NERINT/UFRGS e está sendo desenvolvido por seus pesquisadores e aplicado em seus estudos prospectivos.

A chamada *Unipolaridade* acabou, sem haver existido. Tratava-se de um vácuo de poder gerado pelo desaparecimento da superpotência soviética, que foi ocupado pelos EUA com ações táticas, malsucedidas, pois careciam de uma Grande Estratégia. Nos anos 1990 avançaram politicamente sobre o espaço pós-soviético, mas foi a Europa liderada pela Alemanha que aproveitou, ganhando uma sobrevida. Todavia, inegavelmente, os norte-americanos manobram bem sobre o caos que geraram nos Balcãs e no Oriente Médio, parecendo ter o controle da situação e um projeto consistente.

Na virada do século e do milênio, todavia, uma nova realidade emergia. O 11 de setembro de 2001 sinalizou a ascensão do extremismo político islâmico, a grande crise financeira de 2008 teve como desdobramentos o avanço econômico da China, a criação do BRICS, a reação russa na Geórgia, a Primavera Árabe e o Pivô da Ásia de Obama. A anexação da Crimeia por Moscou e o conflito do Donbass, a eleição de Trump, a Pandemia Covid, a Guerra Russo-Ucraniana na gestão Biden e os conflitos de Israel foram elementos catalizadores. O conflito militar na Ucrânia e as sanções econômicas contra o Kremlin provocaram realinhamentos globais, crescendo a conexão da Rússia, Índia e China com o Sul, particularmente no Oriente Médio e África, sendo a Europa a maior prejudicada.

Desde então, os alinhamentos e realinhamentos são constantes, temporários, múltiplos e multivetoriais, abarcando comércio, investimentos, defesa e diplomacia. Muitos arranjos estão sendo testados e alterados continuamente, não havendo mais “blocos” definidos, como se observa

com a OTAN e o BRICS ampliado. Com a gestão Trump II os Estados Unidos buscam construir um espaço geoeconômico, priorizando a tradição Republicana de rejeição aos mecanismos multilaterais. A novidade é que Washington agora poderia atuar sabiamente com um *primus inter pares*: em lugar de tentar resgatar a hegemonia perdida, pode usar sua superioridade residual em algumas áreas para jogar com as demais potências. Contudo, a diplomacia de empresário de Trump seria suficientemente refinada para isso? Só o tempo dirá.

A atenção dos analistas está concentrada, primordialmente, nas relações entre as grandes potências, suas cúpulas e as eleições em países-chave. Todavia, existem as *potências médias ascendentes*, que não recebem a devida atenção e, surpreendentemente, se tornam protagonistas e influenciam os acontecimentos internacionais. Elas têm sido cortejadas ou ameaçadas, por uns e por outros, mas, dado o número ampliado de potências, elas dispõem de crescente poder de barganha

Nesse contexto, publicamos aqui um conjunto de artigos que tratam dos casos da Rota da Seda aplicada à geopolítica clássica de Mackinder e do Greenpeace e o multilateralismo híbrido. A seguir, a disputa astropolítica sino-americana, as apreensões da Austrália face à crescente presença chinesa no Pacífico Sul e a relação Brasil-EUA, do Soft Balancing ao Bandwagoning, as implicações do conflito de Nagorno-Karabakh na posterior invasão da Ucrânia. Por fim, temos as opções da política externa da Jordânia face aos novos desafios, uma análise da reforma dos setores de segurança e peacebuilding na Guerra Civil do Iêmen e a construção da identidade popular na ASEAN. São acadêmicos dos Estados Unidos, da Indonésia, da Rússia, do Paquistão, do Brasil, da Espanha e da Jordânia.

A edição é completada por uma interessante resenha do livro “Uma Teoria do Poder Global”, que representa uma síntese da obra do Professor José Luís Fiori, acadêmico de referência sobre Economia Política Internacional no Brasil.

A visão de autores do Sul Geopolítico enriquece a percepção acadêmica e estratégica com relação aos temas analisados, materializando os objetivos permanentes da AUSTRAL: Revista Brasileira de Estratégia e Relações Internacionais. Isso é crucial num momento em que o cenário mundial evolui para um somatório de conflitos e tensões, que já desembocaram em escaladas militares, em cenário de forte imprevisibilidade. Mais do que nunca é necessário que a Academia proceda a uma urgente análise crítico-realista, deixando de lado abordagens pós-modernas e narrativas prescritivas. .

Agradecemos o apoio da Pró-Reitoria de Pesquisa da UFRGS, por meio do Programa de Apoio à Editoração de Periódicos (PAEP), bem como a toda equipe que trabalhou na editoração e tradução, em particular aos Assistentes de Edição Igor Estima Sardo e Cássio Donato Monteiro D'Ávila, com a colaboração de João Pedro Lopes Gonçalves e Felipe Werner Samuel. Agradecemos também aos nossos qualificados pareceristas e à Professora Cristina Soreanu Pecequilo pela revisão das traduções. O trabalho de equipe dos pesquisadores do NERINT/UFRGS tem permitido manter a regularidade e a qualidade da AUSTRAL.